

CLARICE LISPECTOR E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Vicentônio Regis do Nascimento SILVA*

MARTINS, G. F. **Estátuas invisíveis**: experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2010. 216 p.

“Este seu poder hipnótico: somos nós, leitores, suas ‘estátuas invisíveis’, absorvidos entre o rito de leitura, a contemplação, o êxtase e o trabalho de decifração.”
(MARTINS, 2010, p. 181).

Gilberto Figueiredo Martins já tinha consolidada carreira acadêmica – atualmente docente do campus de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – quando publicou em livro sua tese de doutorado sobre Clarice Lispector. Abordando os espaços públicos na obra de quem geralmente é lembrada pelo caráter intimista ou psychologizante,¹ o autor inicia sua análise identificando o deslocamento da escritora que, nascida no exterior, na terra dos “pais dela”, elegeu a língua portuguesa e a literatura brasileira como lugares de efetivação: lugares provisórios de fala e pertença, forma legítima de compensação e reação, necessidade de integrar o grupo: “Em Clarice, o desejo-de-ser-com-o-outro é às vezes tão radical que se torna desejo-de-ser-o-outro.” (MARTINS, 2010, p. 19).

Pensando no outro, aborda a infância e a fome. A fome presenciada nas ruas estimula-a a se tornar advogada para ajudar o próximo, atingindo finalidade simbólica ao retratar a ausência de livros em casa (precisa tomá-los emprestados) ou de condições financeiras de pular carnaval (pouco participa da festa, mas os movimentos de recordação tornam-se matéria literária quando se destaca o tesouro da comemoração: os restos de papel crepom de que sai sua fantasia a elevam à condição de moça, deixando para trás a menina). A posse ou a propriedade de

* UEL – Universidade Estadual de Londrina. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários. Londrina – PR – Brasil. 86057-970 – vicrenos@yahoo.com.br; vicentonio@live.com

¹ O jornalista Ubiratan Brasil (2013, p. 1) ressalta a “escrita intimista” em matéria de lançamento de livro de lembranças de Affonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti sobre a amiga Clarice Lispector. Gilberto Figueiredo Martins (2010, p. 106), na obra resenhada, também ressalta predominância dos estudos sob essa perspectiva, assim como o biógrafo Benjamin Moser (2013, p. 21).

livros e da fantasia – as fomes simbólicas – estabelecem as diferenças de classes, delimitando as gradações da hierarquia social. Há busca de plenitude e de encontro **do e pelo** outro, a satisfação da necessidade *versus* a realização do desejo, a falta abrindo espaço ao gozo. A aparente autonomia consagra-se no conto “Cem anos de perdão”, quando se narra o roubo de uma flor, ação para a qual independe a atuação do outro: as mães das meninas, proprietárias dos livros e da fantasia, que já tinham intervindo em seu benefício, não estão presentes. O conto termina com sugestões imagéticas de masturbação, menstruação e defloramento imaginários.

Além de elementos da infância, as praias pernambucanas (paisagens urbanas) constituem espaço público. O mar é a busca da “[...] felicidade momentânea – porém renovável [...]”: “A chegada à praia é a culminação do passeio urbano [...]” (MARTINS, 2010, p. 42). O mar que a traz na condição de imigrante, proporcionando-lhe felicidade, é o mesmo que a leva ao Rio de Janeiro. Em *Perto do coração selvagem* – livro de estreia nos anos 1940 –, a protagonista Joana é apresentada ora adulta, ora criança: “Na ficção, realiza-se o ajustamento entre o espaço físico e as pulsões e afirma-se a homologia entre as profundezas do mar e as do psiquismo.” (MARTINS, 2010, p. 65). Os contatos com o mar permitem a Joana reviver, pela palavra, o acontecimento traumático, efetivando simbólica e parcialmente “[...] a suplência do vazio e a reintegração imaginária ao/do outro, pelo encontro com a totalidade orgânica que funde masculino e feminino.” (MARTINS, 2010, p. 67).

Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, as ruas do Rio de Janeiro são espaços de perigo onde se descobre radicalmente a condição de desamparo do indivíduo. Duvida-se da ordem como sinônimo de equilíbrio. O caos – complexificação do mundo e local de processualidade da existência – é o conjunto de “[...] regras múltiplas, imprevisíveis e desestruturadoras, originadas na coexistência social [...]” (MARTINS, 2010, p. 85). A personagem feminina segue na jornada rumo à consciência social, vivenciando os processos de exclusão e os modos de sociabilidade, discutindo violência e justiça, denunciando os arcaicos mecanismos de repressão aplicados à manutenção da ordem. Da crônica “Mineirinho”, o pesquisador questiona o lugar e a função/intervenção do intelectual na sociedade capitalista: vida contemplativa (restrita ao pensamento) ou ativa (transformando seus esforços em ação)? A arte autoral/artesanal/autêntica perde-se na indústria cultural: o artista rebaixa a função crítica e perde a independência nos – e para se manter nos – meios de comunicação de massa e no mercado.

A segunda parte – “Visões do esplendor: esCLARICEndo Brasília” – elenca, no primeiro capítulo, as discussões estéticas sobre a capital federal, reunindo, entre outros textos e depoimentos, os de Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O capítulo seguinte capta a perspectiva da escritora sobre o centro político nacional, para onde viaja em 1962, retornando em 1974. Romancista e contista

já consagrada, escreve duas longas crônicas: “Brasília” e “Brasília esplendor”: “A Brasília das crônicas de Clarice, como a dos ‘dois homens solitários’ que a planejaram, é também por vezes Fantasmática, abstrata e espiritual.” (MARTINS, 2010, p. 142). O que interessa à cronista não é o caráter social da construção, mas a totalidade, o Absoluto mediado por dois arquitetos na construção da cidade: “Como fantasmas (ou ‘estátuas invisíveis’, reificados e destituídos de interioridade), os habitantes da nova capital são seres constantemente ameaçados de não-ser, experimentando uma *existência negativa*.” (MARTINS, 2010, p. 147, grifo do autor).

As “estátuas invisíveis” (ou fantasmas) intitulam o terceiro capítulo, demonstrando como a cidade planejada de ares burocráticos constitui-se reduto de exílio e solidão, essa simbolizada pela ausência do humano e pelo vazio desértico que, em consequência, resultam no binômio eminência da invisibilidade/iminência do silêncio. Construído entre o invisível e o silencioso, o medo (mistura de atração e de desejo) antecipa “[...] realidades ainda mais apavorantes – e atraentes – porque desconhecidas.” (MARTINS, 2010, p. 162). O último capítulo – “A hora da estrela espatifada” – revela como a destruição do corpo promove o desabamento psíquico, aniquilando o indivíduo. Em período ditatorial, o desequilíbrio psíquico destrói a memória e engendra a alucinação, obrigando o sujeito a se sentir estrangeiro e estranho em seu próprio território (MARTINS, 2010, p. 193). O estranhamento do sujeito acontece na exclusão fortalecida, em Brasília, pela concepção e pelo traçado urbano que são formas de dominação, estimulando, ao mesmo tempo, as reivindicações em espaço no qual a rejeição acontece pelo poderio econômico.

Contrapondo-se à acusação de falta de espaço e tempo na obra de Clarice Lispector, o pesquisador – aparentemente buscando ressonâncias das personagens na escritora ou identificando a extensão da criadora em suas criaturas – defende que as crônicas desejam respaldar o “[...] agudo pendor reflexivo, dotado de alto grau de aferição crítica, a partir do qual se conjugam magistralmente nos escritos da autora psicologia individual e coletiva, História e Metafísica, depoimento e imagem, comentário e Arte.” (MARTINS, 2010, p. 199).

Referências

BRASIL, U. Amiga Clarice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 set. 2013. Caderno 2, p. 1.

MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.



